

TRIBUNA ACADEMICA

FOLHA QUINZENAL

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Escriptorio e Redacção—Praça do Conde d'Eu 32, 2.º andar.

Memorandum

- Junho—6—1533 : Morte de Ariosto, celebre poeta italiano, nascido em Reggio em 1474.
- “ —8—1795 : Morte de Luiz XVII na prisão do Templo.
- “ —11—1292 : Morte de Roger Bacon, sabio que fez em optica, physica e chimica descobertas admiraveis. Nasceu na Inglaterra em 1214, e morreu como frade franciscano.
- “ —15—1520 : O Papa Leão X excommunga Luthero ; este faz queimar publicamente a bulla que o condemna, a 10 de Dezembro seguinte.
- “ —16—1556 : Naufragio do 1.º Bispo do Brazil, D. Pedro Fernandes Sardinha.
- “ —16—1498 : Vasco da Gama aporta a Calcut, na costa de Malabar.
- “ —18—1815 : Grande batalha de Warteloo.
- “ —19—1827 : Pacificação de S. Paulo pelo Duque de Caxias, então Barão deste titulo.
- “ —24—1855 : Fallece na Bahia o poeta Luiz José Junqueira Freire, autor das *Inspirações do Claustro*.
- “ —29—1581 : Entra em Lisboa Phelippe 2.º de Hespanha e 1.º de Portugal.

TRIBUNA ACADEMICA

A nossa perseverança

Cada dia que passa marca na nossa vida uma conquista feita e mais uma victoria recolhida.

No campo safaro do jornalismo, aquelles que, na luta pela existencia, sobrevivem, assim podem denominar os instantes de sua duração.

Na nossa constante e não interrompida apparição, ha alguma cousa mais do que a satisfação d'um compromisso : ha um accordo una-

nime de vontades, coragem para o trabalho e firme solidariedade de idéas, para um fim altivo, real e ennobecedor.

Si, no mundo physico, a concurrencia de individuos do mesmo grupo e organismo faz perpetuar a especie, garantindo-a contra a perturbadora influencia cosmologica, assim tambem, no mundo intellectual, o commum accordo de vontades e de esforços, de idéas e de pensamentos garante o exito do empreendimento contra essas mesmas influencias, que, entretanto, tomam aqui um character mais complexo.

Essa nossa perseverança tem, para aquelles que como nós trabalham, o valor de uma batalha grandiosa, cheia de explosões de valentia e brilhos de abnegação, no meio da calmaria asphyxiante que nos subjuga.

Para os espiritos aviltados, fracos e obscuros, aquelles que fogem diante de nós, como si fossem bandidos tomados de assalto, a nossa missão é nulla, ou antes, é um attentado a seus direitos de . . . ignorancia.

Insensatos !

Voltemo-nos para a luz, como os arbustos, porque a poderemos fitar, sem cahirmos fulminados diante d'ella !

Vauvenargues disse que “a indolencia era o somno dos espiritos.”

Colhamos os fructos dessa primavera, porque, si amanhã tombarmos extenuados, salvar-nos-ha, como ao desventurado Palissy,—

A NOSSA PERSEVERANÇA.

Evolução

(Continuação do n. 2)

Na sua phase primitiva a Humanidade viveu em tal estado de selvageria que quasi se confundia com a animalidade. Isto está sobejamente demonstrado pelas descobertas dos fosseis humanos coexistentes com certas camadas geologicas da terra.

Em que pese a umas tantas crenças theologicas, é já hoje indiscutível, e tambem incontestavel diante dos usos e costumes de muitas tribus selvagens nossas contemporaneas. “A humanidade é como o ceo, apresenta ao mesmo tempo diferentes pontos do tempo”, e ainda bem que o é, porque a toda hora temos assim os dados necessarios para fazer a sua genese e historia.

Nós, porem, não ousamos ir tão longe, e, limitando o objecto do nosso estudo, nos contentamos com fazer uma breve apreciação sobre a marcha evolutiva, seguida atravez dos tempos pelas diferentes sociedades filiadas a raça branca, sem duvida a mais intelligente das raças humanas.

Não obstante, ahi como em toda parte, o progresso tem sido muito lento, sendo conquistado a poder de esforços e tempos nunca assaz bem calculados.

Antes de chegarem ao estado de civilisação relativamente adiantada, que nós conhecemos pelo nome de civilisação oriental, os povos que a produziram, passaram por uma phase nomada ou pastoral, divididos em grandes familias.

Algumas tribus semitas erão tão dadas a vida errante, que chegavam a prohibir a edificação de casas, o plantio de arvores frutiferas etc.

Depois, mais só depois, é que ellas chegaram ao estado agricola, e se confederaram, creando as monarchias dos Assyrios, dos Babylonios, dos Hebreus, e finalmsnte a dos Arabes, mais recente.

Mas a raça semita, sem a grande capacidade aryana, jamais conseguiu a grande civilisação.

Excepção feita para os Carthaginienses, que chegaram a uma bella forma de governo republicano, todos os demais povos semitas não passaram além da monarchia, mais ou menos theocratica, sempre despotica.

A origem da escravidão esteve sempre em vigor desde as primeiras epochas, e foi talvez isso o que mais concorreu para acostumar os semitas a obedecer cegamente ao poder absoluto.

Jamais chegaram estes povos á comprehender a justiça social, e a lei do talião "olho por olho, dente por dente" era permittida em mais de um caso.

Quanto as relações conjugaes, tambem elles não avantajaram bastante. Deixando as relações promiscuas, unicas conhecidas n'um passado longinquo, e cujos vestigios foram encontrados em alguns costumes de Babylonia e Asia Menor, os semitas, é verdade que prescreveram por fim os casamentos monogamicos.

Mas isso longe de ser convenientemente observado, era facilmente esquecido pela tendencia mesma dessas gentes sensuaes.

Salomão tinha 700 mulheres e 300 concubinas (1).

Muito parecida com a cultura semita, é a cultura persa. Como os semitas, os persas viveram sempre sob o jugo da monarchia absoluta.

Xerxes fez assassinar barbaramente o primogenito de Pythias, só porque este lhe pediu que dispensasse o filho de entrar para o exercito, quei a invadir a Grecia.

Mas a semelhança não é somente em relação a organização politica; a vida social-moral offerece tambem muitos pontos de aproximação.

Podemos passar adiante, dispensando-nos mesmo de fallar sobre certas outras familias de raça branca, que igualmente nada creavam de extraordinario.

Somos agora chegados ao ramo indo-europeo propriamente dito, cuja evolução, por sua importancia, deve ser considerada como a evolução da humanidade mesma.

Como tudo o que é humano, as primitivas epochas ahi, como em alhures, foram, por assim dizer, um longo periodo de elaboração espontanea, do anonymato inconsciente.

"Por toda a parte ao sahir da selvageria das idades prehistoricas, os homens das raças arianas se reuniram em tribus simi-barbaras, as quaes, depois de confederadas em sociedades feodales e republicas aristocraticas, acabam por chegar á monarchia absoluta; só n'uma epocha

muito recente o poder monarchico foi temperado em alguns paizes e annullado n'outros."

Conhecidas deste modo quaes as phases primitivas por que passou o povo aryano, cumpre-nos neste momento tomar um periodo da sua longa historia, e com mais interesse estudar a sua evolução, á partir desse mesmo periodo.

(Continua.)

JOSÉ RABELLO.

O suffragio das mulheres

I

O *espirito do tempo*, que tanta influencia exerce sobre o progresso activo do estado moderno, e que não encontra barreira na distincção simultanea de nacionalidades, sendo por consequencia a mais fiel manifestação do cosmopolitismo, assume agora a cathogoria de progenitor d'uma idéa sã, robustecida pela evolução dos povos, e cuja propaganda tem sido sancionada pelo silencio de grande numero de publicistas.

E' actualmente o suffragio das mulheres, a mais brilhante projecção do pensamento politico da aristocrata Inglaterra.

Condorcet — o orador-philosopho da Revolução Franceza, o espirito talvez mais cultivado da Assêmléa, preconizou com brilho inexcedivel este suffragio ali.

Muito embora as suas reflexões se impuzessem ao criterio de todos, tivessem a profundeza do pensador e a abnegação do patriota, comtudo os revolucionarios de 89 repelliram formalmente o voto das mulheres, destruindo assim milhares de esperanças, animadas do mais puro e louvavel desprendimento.

Banida assim da França, na occasião mais propicia, quando a liberdade firmava o seu throno, tal idéa tomou por asylo a Inglaterra.

Facto que a todos admira, porquanto é incontestavel que de toda a Europa culta, é o povo inglez que mais está identificado com a tradição, refractario a todo movimento democratico moderno.

A historia parlamentar deste paiz, e a revolução de *Cromwel*, fornecem-nos prova bem inconcussa dessa verdade.

Na actualidade — *E. Laboulaye*, tem procurado demonstrar, a despeito das mais crueis objecções, que a mulher tem direito a sua emancipação social e politica, que o seu concurso na lucta pelo direito, na conquista heroica da verdade, não só é necessario, como tambem pode ser o percursor d'uma era mais feliz para a humanidade!

Não sabemos, si pelo democratismo que lavra hoje na America, o certo é que, a independencia das mulheres conta ahi fervorosos adeptos.

Esta questão que tão directamente affecta o mechanismo social e politico do mundo, e que tanto logar tem dado á critica de possantes illustrações germanicas e latinas, já é hoje considerada uma questão vencida!

No entretanto, esta contenda que tão precisamente abriu metade do genero humano, na conquista de direitos esquecidos, e até mesmo aos olhos de muitos, irrisorios, se impõe agora ao seculo mais do que nunca.

A emancipação da mulher tem como problema—tres lados—o politico, o social e o juridico, cujas deducções formam um todo harmonico, donde surgirá irremissivelmente uma conclusão evidente.

II

Socialmente, eu supponho que já não ha uma objecção em pé, contra a emancipação dellas, porque a educação como norma, acabará com todos os preconceitos, nascidos do pequeno e insignificante gráo de cultura, de que ella geralmente participa.

Si a educação da mulher, é tão limitada, tão diminuta em quasi todos os paizes civilizados, mui principalmente na America do Sul, como pois, pode-se concluir por um facto puramente accidental, que ella é toda incapaz, e por isso desprezível o seu concurso nas funcções da vida nacional?

Por ventura estará provada a mediocridade intellectual do sexo amavel?

Pelo contrario; aquellas que têm-se instruido, que têm cultivado em alto gráo a sua intelligencia, tem demonstrado no ardor da mais robusta propaganda, em bem de sua liberdade opprimida, que possuem elementos naturaes bastantes, energia capaz para affrontar as rudezas e intemperies da vida publica.

Assim é o *Dr. Tobias Barretto*, com a lealdade do sabio, ainda não contaminado pelo egoismo que tanto avassala os cerebros mediocres, que em uma de suas obras, não se infastia de citar o nome das heroínas do saber, tão communs nos tempos que correm na velha e scientifica Allemanha!

Terão por ventura receio, os refractarios á amancipação feminil, que *Johanna Leitenberger*, *Mariana Heinisch*, *Fanny Lewald* e tantas outras que o illustrado mestre enumerava nos *Estudos allemães*, plantem os germens d'uma trasfor-

(1) O *Cantico dos Canticos* falla de 60 rainhas, 80 concubinas e moças sem conta.

mação radical, tornando patente a virilidade intellectual da mulher?

O temor é infundado.

Diz-se que a vocação natural que ella tem de ser a rainha do lar, a constante e impavida animadora do marido, nas luctas pela existencia, o brinco de ouro da sociedade, a mãe de familia, inibe de ter um gráo superior de cultura!...

O que tem uma cousa com outra?

Desde o momento que ella adquire uma illustração condigna de seu sexo, não terá em mais alta conta o dever de mãe, não comprirá melhor, com mais entendimento o seu fado na familia, não entregará á sociedade elementos mais poderosos para seu real engrandecimento?

Certamente: os filhos serão educados de outra fôrma, saberão comprehender devidamente, desde a infancia, o sentimento que mais tarde irá os animar na vereda que traça a honra, na defesa da patria.

Se a boa comprehensão do dever dependesse d'uma crassa ignorancia, que papel representaria a civilisação diante dos povos, que inebriados, sentem-se felizes e grandes, toda vez que a sombra dos seus principios buscam a perfeição, o progresso, a luz?

Affirma o *Dr. Tobias*:

"Não falta mesmo quem julgue que a honestidade é uma flor selvatica, que só viceja em terreno virgem, não revolvido por mãos humanas; que a honradez é um producto da natureza, e como tal somente medra e floresce na razão inversa do cultivo mental. Singularissima idéa. E' uma triste honestidade aquella que só póde existir por favor da ignorancia ao lado da estupidéz."

E' imprescindível que ella adquira d'uma vez para sempre a consciencia de seu proprio valor; — e, como poderá attingir a tão brilhante estado, senão se educando?

Infelizmente no Brasil, não se póde pugnar por essas idéas, não se póde por uma intuição rasoavel, reconhecer a extrema necessidade de resolver-se esse grande problema social, tirando a mulher do obscurantismo em que se acha; obscurantismo que se traduz na escravidão moral, sem ter-se immediatamente o *diploma* de insensato....

No entretanto a razão disto é simples: o povo brasileiro está tão identificado com o insignificante quinhão de saber que recebe a mulher; está tão consciente de que o ler, o escrever (embora muito mal), as quatro operações, um poucochno de crochet, dous dedos de piano e um de canto, devem constituir a somma dos conhecimentos d'uma moça; que conceder-se mais algu-

ma cousa, não só é desastroso como prejudicial!

Aqui, se uma mulher tiver a *petulance* de escrever para uma folha, dedicar-se ao estudo d'um assumpto scientifico, perderá o caracter de seu sexo, e passará aos olhos de muitos—como *deshonesta*!

NILO PECANHA.

(*Continúa*).

Disfarce

A Justino Moura

No teu profundo olhar, enternecido,
Na brancura nevada de teu rosto,
Ha um segredo em risos escondido,
Ha p'ra mim um enigma supposto.

Brillham teus grandes olhos seductores,
Riem teus labios rubros e mimosos:
—Brilhos sem luz, sem rutilos fulgores,
—Risos cheios de fêl, amargurosos.

Oh! impossivel te é, modesta flor,
Sepultares na fronte alabastrina,
Com disfarçados risos essa dor!

O espelho de tua alma cristalina,
Aonde se reflecte o sol do amor,
Retratou-te do peito a magoa fina!

HENRIQUE MARTINS.

O Avatar

Assistimos no dia 30 do mez proximo findo á leitura do *Avatar*, alta comedia em 3 actos e 6 quadros, escripta pelo Sr. Dr. Affonso Olindense, illustre escriptor e poeta pernambucano. Extrahida do conhecido romance de Theophile Gautier, o *Avatar* é uma critica vibrante e fina á celebre e ridicula theoria da metempsychose ou transmigração das almas de uns para outros corpos.

Somos franca e convencidamente adversarios da escola a que se filia o *Avatar*; isso, porém, não nos inibe de afirmar que o novo trabalho do Sr. Dr. A. Olindense, é incontestavelmente digno de ser apreciado e lido com attenção.

O theatro, como muito bem disse E. Zola, atravessa uma epocha de crise. Como todos os ramos da litteratura, elle está sujeito á lei de constante desenvolvimento que rege os phenomenos de ordem physica, moral, social e intellectual.

E' uma verdade esta que ninguém decerto contestará.

O theatro tem, portanto, de amoldar-se necessaria, fatalmente á fórmula naturalista, que parte da observação e experiencia, e unica que se acha de accordo com os principios que a sciencia proclama, e com o grác de adiantamento e cultura intellectual a que tem chegado o espirito humano.

"Parece impossivel que o movimento de investigação e analyse, que é o movimento do seculo actual, tenha revolucionado todas as sciencias e todas as artes, deixando á parte e como isolada a arte dramatica."

Esta preocupação do grande critico, que acabamos de citar, tem innegavelmente o seu fundamento.

A influencia do naturalismo na litteratura tem sido evidentemente proficua e consideravel.

No theatro mesmo, ella já vai se fazendo sentir, de um modo lento, porém promettedor.

O illustre auctor da comedia—*Avatar*,—é preciso dizel-o, é um dos mais fervorosos adeptos da escola moderna.

As suas opiniões á respeito estão por demais accentuadas e claramente definidas.

Transportando para a scena o bello romance do festejado litterato francez, elle não quiz significar que abjurava as idéas que professa e que tão valente e corajosamente tem propagado em seus artigos.

A interpretação que deu ao pensamento de Th. Gautier está rigorosamente exacta, correcta.

A impressão que dos deixou a leitura do—*Avatar*—foi de tal fôrma agradável que não trepidamos em dar os nossos sinceros parabens ao talentoso escriptor, felicitando-o pela perfeição do seu novo trabalho, que é mais um attestado de sua vigorosa e cultivada intelligencia.

Que o *Avatar* tenha um grande exito, é o que almejamos.

M.

A sociologia do Sr. Herbert Spencer

(Continuação do n. 3)

II

A sociologia será uma sciencia analoga a biologia: determinará as leis da evolução das sociedades, como a biologia determina as leis da evolução dos organismos. Mas isto é apenas a forma da sciencia. Falta-nos saber qual a materia, quaes são, segundo a expressão de Spencer, os seus *dados*.

O estado de uma sociedade, em um momento qualquer, depende do concurso de duas ordens de causas, que podem-se denominar internas e externas.

As principaes causas internas são o estado dos espiritos, a natureza dos sentimentos, as regras geraes de conducta dominantes entre os membros d'esta sociedade, suas idéas religiosas, seu systema economico, e força do seu instincto social.

E' evidente que todas estas causas e muitas outras analogas actuam sobre o desenvolvimento da sociedade. Sua cohesão, structura, e organisação differiram segundo terem os homens, que a compõem, inclinações bellicosas ou pacificas, ou por achar-se estabelecida em seus costumes a polygamia ou monogamia.

Não menos importantes são as causas externas: o clima, o caracter geral do paiz, a maior ou menor proximidade do mar, a altitude, a maior ou menor facilidade de obter alimentos, a presença ou ausencia de animaes ferozes e temiveis inimigos, a facilidade ou dificuldade de communicações com os paizes visinhos, e outras muitas causas que aqui não nos é possível enumerar.

Alem d'isto, convem attender á causas secundarias, cuja acção faz-se sentir reflexamente.

As sociedades visinhas modificam-se mutuamente. O homem que habita uma região, pouco á pouco transforma o seu regimen, e as novas condições d'existencia por seu turno actuam sobre o seu character.

Os costumes e as instituições de um povo pastor mudam-se á medida que elle se torna agricultor.

Os cidadãos d'uma grande nação tem idéas e sentimentos de todo o ponto desconhecidas aos habitantes d'um pequeno burgo.

A sociologia não pode explicar os infinitos modos em que todas estas influencias cruzam-se, enredam-se, multiplicam-se á cada instante; actualmente deve limitar-se ao estudo das causas constantes, á que o Sr. Spencer denominava *factores* originaes.

Sobre os factores originaes externos nada diz de novo; e não é para admirar.

Mais de uma vez a attenção dos sabios e dos philosophos já se tem dirigido para o modo pelo qual as condições geographicas, climatologicas, influem sobre o desenvolvimento das sociedades; e com relação á este ponto, parece que Spencer não foi alem do que disse Montesquieu.

O estudo dos factores *originaes internos*, isto é, da natureza dos sentimentos e das idéas do homem primitivo, apresenta, pelo contrario, o attractivo d'uma grande novidade; este homem primitivo é, por assim dizer, a cellula do organismo social: é a unidade cujas propriedades determinam as do aggregado.

E' preciso conhecê-lo completa e mui exactamente; d'isto depende toda a existencia da sociologia.

Porem como chegar á este conhecimento? Nem a experiencia, nem o testemunho fornecem-nos informações sobre o homem primitivo.

H. Spencer recorre á duas fontes

indirectas de informações: a indução, fundada sobre a psychologia, e o que sabemos dos selvagens actuaes.

Elle não ignora que, ás mais das vezes, a natureza dos selvagens parece antes degradada do que primitiva; porem o Sr. Spencer lisongea-se de discernir entre seus caracteres, quaes os verdadeiramente originaes.

Antes de tudo, em sua constituição physica, o homem primitivo encontrava grandes difficuldades e obstaculos aos seus primeiros progressos; segundo todas as apparencias elle era de menor estatura e mais fraco do que o homem civilisado; como signal de menor desenvolvimento cerebral, mais rapidamente attingia á idade madura. Menos vigoroso, maiores difficuldades tinha em triumphar dos animaes ferozes, seus inimigos, e em conjurar os perigos de toda a especie que ameaçava-lhe a vida.

Mais forte contra a dor, e mais apathico, sentia menos vivamente a necessidade do progresso.

Alem d'isto, o homem primitivo era o que se denomina "arreatado".

A paixão do momento domina-o sempre; não sabe resistir á um desejo um pouco violento: d'ahi uma leviandade, uma mobilidade externa em sua conducta. E' imprevidente e ingenuamente egoista. A despeito d'agudeza, ás vezes extraordinaria, de seus sentidos, ajuiza mal, si bem que perceba bem.

Não generalisa; não tem a idéa da verdade; nada lhe parece impossível. Os objectos mais novos e os mais admiraveis não lhe aguçam a curiosidade: n'isto differe da criança civilisada, com a qual tem tantos pontos de contacto.

Porem não basta conhecer a natureza do homem primitivo; é tambem necessario saber o que pensa. Que idéa forma de si ou da natureza? O que pensa á respeito dos entes que o cercam?

Embaraçosa é esta pergunta.
(Continúa.)

HILDEBERTO GUIMARÃES.

BIBLIOGRAPHIA

O Sonho do Monarcha

POEMETO ABOLICIONISTA

por *Marques de Carvalho*

(Recife, Typographia Industrial 1886)

Recebemos por offerta de seu autor um pamphleto assim intitulado e do qual já demos noticia aos nossos leitores no numero anterior.

Devendo, porem, externar o nosso

juizo "austeramente imparcial", como nos foi pedido, assim o faremos aqui.

Como se vê do titulo, o assumpto escolhido pelo nosso collega, para o seu poemeto, foi a escravidão brasileira. Si por um lado si pode dizer que o assumpto está completamente batido; que a questão da escravidão no Brazil está resolvida para os espiritos claros e bem intencionados, que só esperam a occasião asada para tentarem o ultimo golpe que ha de decepar a hydra, e reconstruir a Patria Brasileira, máo grado de meia duzia de filhos degenerados e ambiciosos, por outro lado (e assim é que pensamos) não se poderá negar que o jovem poeta foi feliz em tal escolha; pois, em vez de inspirar-se, como muitos outros, nos contos ensanguentados das antigas idades, nos tragicos amores das heroínas gregas, nas façanhas dos Erostratos, ou nas conquistas assombrosas da bella Semiramis, e outras tantas idéas estapafurdias que são o apanagio de idealistas sem ideal; Marques de Carvalho, primeiro que tudo, sentio amor patrio, e condemnando a ineptia da monarchia, defendeu a causa dos escravos brasileiros, inspirou-se no nosso proprio meio, imprimindo assim ao seu livro um character todo nacional.

A razão desse nosso modo de pensar acha seu apoio nas palavras do illustre critico—o Dr. Sylvio Romero, quando diz que "todo e qualquer problema litterario ha de ter no Brazil duas faces principaes: uma geral, e outra particular, uma influenciada pelo momento humano, e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo mundo e outra que deve verificar o que pode ser applicado ao nosso paiz". Assim, pois, o poeta satisfiz á principal feição requerida pela critica, desde que no desenvolvimento do seu trabalho procurou referir-se ao que podia ser applicado ao nosso paiz, e em vez de invocar a palavra de Wilberforce, deu-nos H. Dias advogando a causa de seus irmãos de raça. Isto, quanto ao fundo. Quanto á execução, porém, o nosso collega foi muitas vezes infeliz. Alguns de seus versos são fracos, outros defeituosos e duros.

Ja houve quem dissesse que "Machado de Assis, Theophilo Dias, Alberto de Oliveira e Raymundo Corrêa têm o alexandrino forte, porém, macio e doce como uma espada untada de mel", mas isso é um segredo de que nem todos têm a chave. Bem poucas vezes o alexandrino é feito com perfeição artistica. No livro de Marques de Carvalho encontramos ás vezes um verso sonoro, forte, macio, e d'outras vezes

achamos algum outro dissonante e sem cadencia como este :

—“Nas mãos tinham chicotes imitando sceptros.”

Si o poeta se eleva, descrevendo o “vulto enorme, colossal” de H. Dias, quando diz :

“Alto como o injá, forte como um esteio”

desacredita-se, entretanto, querendo fazer passar por alexandrinos versos como este :

“Ou creanças roubadas aos seios das mães.”

Não são estes os unicos que notamos assim defeituosos; ha por todo livro alguns outros, que, acreditamos, escaparam attenção do jovem poeta que com pouco trabalho poderia ter evitado estes desastres.

Entretanto não lhe negamos o valor poetico e artistico de algumas quadras, taes como aquellas cinco finaes da 2.^a parte do livro, quando Christo, dirigindo-se ao rei, diz :

“Meu Pai ordena, o rei, que sejas condemnado

“Ao suplicio sem fim das penas eternas!

“E’ justa a punição... etc., etc.”

De resto felicitamos o nosso collega pela sua aproveitavel estréa e o incitamos a novos commettimentos.

Sinhá

E’ galante a menina sinhá,
Turbulenta engraçada e faceira,
Nas feições é mamãe toda inteira,
E’ a prenda gentil do papá.

Tem maneiras e sabe agradar,
Conta historias com tanta magia
Que conquista geral sympathia,
Onde quer que ella esteja a fallar.

Faz caretas e outras gracinhas,
Canta tres maviosas modinhas,
Ri de tudo e tambem chora atôa.

Quando salta parece de mola,
Doe-lhe o dente na hora d’escola,
Mas depois do jantar fica bôa.

BIANOR DE MEDEIROS.

Georges Ohnet

Em 1883, na capital da França, nessa Pariz dos grandes movimentos, dos grandes successos e revoluções, um livro appareceu no mundo litterario invadindo rapidamente todos os recantos da grande cidade, desde as *cités* onde se abrigam os miseraveis até o atelier do artista laureado, desde a casa do mais humilde operario até o *boudoir* da mulher mais elegante. Esse livro foi o *Maitre de Forges*.

Seu autor, então nas penumbras da scena litteraria, sem ter sido assumpto de uma critica, de uma po-

lemica, de um duello, sem ter ainda experimentado as grandes sensações de um successo, é Georges Ohnet.

De então para cá, no curto espaço de tres annos, após a obra prima que grangeou-lhe grandes ovações, o escriptor parisiense reimprimio o seu primeiro romance *Serge Panine*, desconhecido em epochas menos felizes, e mimoseou o seu publico com mais cinco escriptos, fluxos brilhantes de sua intelligencia esclarecida.

O estylo elevado e luxuoso, os enlances dramaticos, as peripecias atrahentes e de fecunda imaginação, conquistaram para autor e obras as palmas do successo, e as edições extinguindo-se espalharam-se pela França, enquanto que nas livrarias de todos os paizes do mundo civilizado appareceram traducções em muitos idiomas.

Entre nós, no centro em que escrevemos, raro é aquelle que não tenha passado longas horas, ao crepitar de uma lampada, lendo estas paginas escriptas em uma linguagem apaixonada, onde os sentimentos da natureza humana são explorados no que teem de mais sublime pelo habil artista da palavra.

O estylo de Georges Ohnet é sempre grande e soberbo, e como o condor dos Andes, o escriptor paira sempre nas grandes alturas sem nunca descer ás espheras menos elevadas.

A sua *verve* de romancista por toda parte se faz manifestar, quer seja no *Maitre de Forges*, descrevendo o orgulho e amor de uma mulher estherica e nervosa da aristocracia franceza, quer seja no *Serge Panine*, mostrando a mulher ferida no amor maternal, commettendo um crime para a felicidade do ente adorador—a filha, quer na luta entre o amor e dever de *Paschoal Carvajan*, quer na *Contesse Sarah* desenhando a natureza violenta e tempestuosa da filha de Albion, quer em *Lise Fleuron* ferida de morte pelo amante que a despreza, quer no abrasador e criminoso amor de Fernando pela *Castellã de Croix Mort*, sempre uma grande imaginação, sempre a paixão em scena!

Os romances de Georges Ohnet, como uma mulher elegante do *grand mond* apparecem com vistosas *toillets*, ricas de atavios e enfeites de seu estylo rendado, e n’esses bellos escriptos os personagens se patenteiam caprichosos, bizzaros e nervosos.

Através, porem, das gases e ornamentações de suas obras se vê um espaço vasio, completamente, de idéas e principios porque se bata, se dedique o festejado escriptor.

O romance moderno, que depois de Balsac deixou de ser uma colleção de enredos, de dialogos e de phrases, que com elle, Flaubert, Zola, passou a ser a photographia da sociedade com todos seus defeitos, vicios e sublimidades, não pode ter em Georges Ohnet um adepto, um continuador desta grandiosa reforma, antes pelo contrario é um reactor, um romantico, apezar de algumas vezes em suas obras encontrar-se paginas bem escriptas sobre a industria e commercio da França actual.

A colleção dos bens elaborados escriptos do popular escriptor apparecem todos com o titulo apparatuso de—*Les Batailles de la Vie*.

Em seus romances, porem, não ha luta de idéas, de principios, não ha embate de ambições, não ha a energica actividade de um homem dominando os seus semelhantes, não se cogita dos problemas sociaes com attenção precisa; ha luta, difficil era o contestar, porem lutas de alcova e de salões, combates de sentimentos para a glorificação do amor romantico.

As heroínas, os typos notaveis dos trabalhos de Ohnet, de character apprehensivo e estravagante, são todas apaixonadas e idealistas debaixo de uma esmagadora acção sentimentalista sem a menor preocupação intellectual quer seja uma Clara de Baulieu, quer uma Miss Sara, quer a pallida e scismadora Branca de Cygne.

Os heróes, dedicados, nobres, virtuosos, debaixo do nome de Philippe Deblay, Pedro Delarue, Paschoal Carvajan, Severac, fazem esquecer as realidades da vida, cheia de miserias, corrupção e baixeza, evocando á memoria os typos da raça perdida dos Cavalheiros da Edade Media.

Nos romances de Georges Ohnet nada é real, tudo tem um character ficticio, convencional.

Os seus dramas desenrolam se n’uma scena vistosa e esplendida, os seus personagens, porem, não são comediantes da sociedade moderna, faltam-lhes os vicios, os sentimentos, a realidade, que o talento do escriptor não quiz dar-lhes.

Os romancistas realistas francezes, esta pleiade gigantesca de reformadores, não podem ver em Georges Ohnet um confrade, dissemos, e sempre encontrarão nelle um adversario terrivel e pernicioso, quanto elegante e habil é a sua penna.

Nessa sociedade, que o escriptor não quiz pintar *d’après nature*, e para cujos vicios e cancos em vez do cauterio e do ferro em braza, elle teve phrases melifluas e acalentadoras, nessa sociedade corrupta e

infame para quem a encara pelo prisma real, porem para elle sempre romantica e sentimental, Georges Ohnet terá uma multidão de admiradores, e seu nome será sempre acobertado por elogios e manifestações ruidosas de applausos.

Para as mulheres, a parte febril e estherica da humanidade, o autor da *Contesse Sarah* assumirá proporções gigantescas, e será por então o mais querido e ambicionado romancista.

Como Georges Sand e Octavio Feuillet, Georges Ohnet terá sua epocha, terá seus admiradores e apologistas, porem mais tarde, quando a Posteridade lançar suas vistas sobre os romancistas do seculo XIX, estes cometas de luz offuscante desaparecerão, e dominando como um pharol o vasto espaço de cem annos só se verá o vulto genial do immortal autor da Comedia Humana — Balsac !

GRAÇA ARANHA.

Divorcio

(Continuação)

No nosso artigo passado, depois de breves traços sobre as relações sexuaes dos racionaes, dissemos que era preciso estabelecer o divorcio.

Se assim o fizemos, foi por certo em virtude da conveniencia de tal medida e de varios argumentos contrarios á indissolubilidade matrimonial, os quaes julgamos incontestaveis.

Eis ahi : A ideia de casamento, que contém em si a affirmativa de uma união de paz e de amor, traz como sello deste contracto, o desejo manifesto, que os conjuges teem de viver eternamente unidos.

Como questão theorica, a indissolubilidade do casamento é inatacavel, pois não é crível que seres que se não estimam, façam perante a sociedade inteira um juramento de mutua amizade.

A vida, porém, é uma série de variações.

No terreno pratico, onde unicamente se deve discutir a questão, porquanto é exactamente ahi que muitas vezes o tufão da desgraça transforma as bases da sociedade conjugal, a indissolubilidade priva ás vezes os filhos de uma boa educação, coarcta a liberdade dos esposos e infelizmente autorisa o adultério.

“ O casamento e a familia são a escola do dever ; a obediencia do filho é a condição de sua liberdade futura. ”

Se isso é verdade, perguntamos nós :

Como póde o filho ter obediencia a um pai que, depois de sacrificar a belleza e pureza de sua mãe, principia a maltratal-a ?

Como póde o filho obedecer áquella mãe que, atraçoando o coração do esposo, expõe á desmora'isação publica a dignidade de seu pai que é tambem a sua ?

Ainda mais : Não é procedente a opinião daquelles que combatem o divorcio por ser este um prejudicador dos interesses dos filhos.

Quando se falla dos interesses dos filhos, não se procura saber, se a separação dos progenitores é um bem ou um mal, porque então todos nós *una voce* affirmariamos : é um mal de alta gravidade.

O que, porém, se procura descobrir e decidir é isto : Tendo os filhos o infortunio de presenciarem quotidianamente as luctas de seus pais sob o tecto da familia assim dividida, qual é preferivel para elles : que o casamento seja inteiramente rôto pela mão do divorcio, ou se ordene que os conjuges fiquem impossibilitados de dar honestamente cidadãos á patria em virtude da separação do corpo ?

Quando os filhos se interessam pela paz e descanso dos pais, o divorcio deve ser uma realidade, porque não ha martyrio peor para seres rivalisados, do que a prisão eterna da indissolubilidade.

(Continua)

EUCLIDES QUINTEIRO.

A louca

Na grade da prisão eu vi a louca
Debatendo-se em furia, a se rasgar ;
Gritava tanto... tanto... e sem parar,
Que de gritar a pobre estava rouca,

Depois... da cabeça arranca a touca
E, mordendo, procura-a lacerar.
N'esta insana lucta a gargallar
O sangue transvazou-lhe pela bôcca.

Fita o olhar nas manchas do vestido,
Grita inda mais alto, e sem sentido
A infeliz exanime cae no chão.

Eu vendo compungido aquella scena,
Não poudo a consciencia estar serena,
E lancei uma praga á escravidão !

POMPILIO CASTRO.

Notas a lapis

Tem-se commentado com algum *chiste* no *Sorvete Familiar*, e até mesmo tem sido thema de impagaveis palestras nas *republicas*, a maliciosa noticia que deu *A Semana* da Côte, sobre a apparição da *Tribuna*, *Equador* e *Revista*...

A Semana admirou-se da semelhança que realmente existe entre nós e ella.

Fez mal... porque cousa tão simples não é motivo de espanto, tanto mais quando não deve ignorar o Sr. Valentim Magalhães, a existencia d'uma lei a *herança similar physiologica*, por meio da qual se explica o phenomeno de ver um filho ou até mesmo um netinho repetir no seu rosto, os traços de seu pae ou de seu avô !...

Certamente, que a culpa não é nossa... porventura somos responsáveis pela nossa existencia no mundo... jornalístico ?

O Sr. Valentim que disto peça contas a si mesmo... podendo intervir no pleito a sua querida metade *A Semana*.....

O Dr. Tobias Barretto refere n'um de seus escriptos um facto, que bem comprehendido tem intima relação com o Sr. Valentim.

“O physiologo Camper disse uma vez:

Eu tenho me occupado durante seis mezes, exclusivamente com os *cetaceos*, comprehendendo a osteologia da cabeça de todos estes monstros, e descobri tal numero de combinações com a cabeça humana que qualquer pessoa me apparece como um *peixe agulha*, um *crocodilo* um *golphinho*.

As mulheres mais interessantes, tanto como as menos bellas, são todas, aos meus olhos, ou golphinhos ou crocodilos...”

Assim está o Sr. V. Magalhães : qualquer cousa que vê, tem para si, a cabecinha da *Semana*, os olhinhos os beicinhos de sua querida...

Tire pois o seu *pince-nez*, e abandone o constante ramo de violetas que traz no peito, que encarará tudo por outro prisma...

Mas isto é uma cousa muito natural ; assim como S. S. vê em tudo a carinha da *Semana*, não pode deixar de exclamar ao ler qualquer jornal : *Semana*, eu tambem não posso ver um typo parecido com o Sr. Valentim sem me lembrar das *coças* que deu Sylvio Romero !...

Não pretenda, pois, assumir o patrio poder sobre nós, porque se o continuar, eu não deixarei de cantar isto :

Valentim... tim... tim
Valentim meu bem,
Quem tiver inveja
Faça assim tambem.

* *

“ *Estou arrancando....* ”

Eis a phrase mais popular de Pernambuco.

Certa moça no mez passado presenciando terrivel vaia n'um dos seus namorados — calouro aliás — *arrancou....*

Tal phrase, entendo, não devia jámais ser dita á vista da gente, por

uma genuína representante do bello sexo....

O Henrique sahe da Faculdade, e affrontando um sol de matar passarinhos, vai de caminho á Santo Amaro com destino a typographia, ahí, por fatalidade, não encontrando provas, diz.... *estou arrancando*..

Quando cheguei nesta terra, fui immediatamente procurar casa, e conversando com um proprietario, este depois d'uma longa pausa, passa o lenço pela testa.... e em tom de enfado, me diz.... *estou arrancando!*....

Eu, muito curioso, perguntei : o que foi que o senhor arrancou?... Elle.... premiou a minha ingenuidade, me apontando o olho da.... rua.... E eu sahi *arrancando*.

NIHIL.

Noticiario

Realisou-se no dia 2 do corrente a conferencia annunciada pelo nosso amigo Dr. Alfredo Pinto, em homenagem á memoria do grande philosopho francez Emile Littré.

O illustre conferenciador, depois de fazer um aprofundado estudo sobre a philosophia positiva, propagada pelo Mestre, accentuando com admiravel lucidez os pontos em que ella diverge das doutrinas de A. Conte, e desenvolver a biographia do sabio, occupou-se largamente da pretendida conversão de

FOLHETIM

A ESCRAVA

A aurora vinha espalhando seus raios luminosos por sobre os montes verdejantes, e passarinhos multicores, em bando, suspensos nos galhos ramosos dos grandes arvorêdos, entoavam festivamente a symphonia de seus trinados, como a orchestra que modula um hymno de saudação. O homem do campo, athletico filho do Trabalho, alegremente enverga o velho casaco de serviço, enquanto á porta da cabana, a esposa, a dedicada companheira de todos os dias e de todas as horas, cercada de filhos, atira migalhas de pão ao numero exercito de gallinhas, em completo alvoroço.

Ao longe ouve-se a cantiga dos trabalhadores do engenho e as pragas do feitor, mandando acordar os escravos que dormem ainda na senzala, alquebrados pela fadiga do dia anterior.

Pelos terrenos aladeirados e escorregadios veem descendo, alegres, saltitantes, os brancos carneiros e as ovelhas, em busca do ribeiro para matar a sede. Os bois, com passos vagarosos de bons animaes, estirando o largo pescoço, cançados e espumantes, conduzem para o engenho montões de cannas, accumuladas em enormes carros, feitos de pezada madeira.

Os cães correm ladrando á frente dos

Emile Littré, apregoada em seguida á sua morte pelos ardentes defensores do catholicismo.

Ao descer da tribuna foi o talentoso orador viva e entusiasticamente applaudido pelo numeroso e selecto auditorio, recebendo assim o justo premio a que tinha direito pelos seus esforços e estudos.

A *Livraria Fluminense* do Sr. André Santos está prestes á concluir a 2.^a edição dos — *Menores e Loucos* — importantissima obra do nosso illustrado mestre Sr. Dr. Tobias Barreto.

Sons e Brados. Assim se intitula um volume de poesias que o apreciavel poeta das *Estatuetas e Ebullições*, Claudino dos Santos, pretende publicar este anno

Sarah Bernhardt acha-se na Côte desde o dia 26 de Maio.

A eminente actriz, que é a maior gloria do theatro francez, tem sido alvo das mais respeitadas homenagens da imprensa fluminense e dos homens de letras.

Artista de admiravel talento e grande celebridade, Sarah Bernhardt em qualquer paiz que se ache, é sempre objecto de admiração e enthusiasmo.

Do Rio de Janeiro, onde pretende levar á scena, entre outros, os dramas — *A Dama das Camélias*, *Fedora*, *Theodora*, a celebre atriz

carros, e arriscam-se a ficar esmagados debaixo das grandes rodas gemedoras.

Na casa do *senhor*, um velho de estatura elevada, physionomia rochunchuda e pouco recommendavel, os pequenos resonavam ainda, enquanto a mamãe dava ordens impertinentes e contradictorias, e a negra varria a sala e espanava as empoeiradas cadeiras de jacarandá massiço.

Trepados na *manjarra* dois negros magros, semi-nus, cantavam modinhas saudosas, tangendo os animaes que á galope faziam moer as cannas, trazidas dos carros pelos moleques e as pretas velhas, ás braçadas.

De um lado o feitor, o vice-rei dos engenhos, com seu ar despotico e feroz, assistia a moagem n'um attitude atrevida de grande senhor, tendo na bocca um enorme cachimbo de cereja e debaixo do braço o tradicional chicote de couro.

Quando eu cheguei era ainda muito cedo. No engenho, porém, todos trabalhavam com ardor, azafamados.

De quando em quando, a voz rouca do feitor elevava-se e o chicote estalava nas costas d'um escravo, impiedosamente.

E' este o regimen da escravidão.

Entre a consideravel porção de escravos que constituia por assim dizer toda a fortuna e riqueza do opulento agricultor, havia uma negra, corcunda, enferma, que pela adiantada idade quasi se achava impossibilitada de prestar qualquer serviço. Não obstante, a pobre velha era ainda sobrecarregada de trabalhos aliás pesados e vexatorios. Occupava-se no

seguirá para o Rio da Prata, Pacifico, Panamá, Havana e Estados-Unidos.

A sua comitiva, segundo nos informa *O Pais*, compõe-se nada menos de 10 pessoas que occupam todo o lado esquerdo do *Grande Hotel*.

O Estudo—Com este titulo começou a publicar-se um novo periodico, orgão do Club Litterario Diegues Junior.

O seu 1.^o numero datado de 1 de Junho traz bem elaborados artigos, firmados por alguns moços academicos bem conhecidos entre nós, e que fazem parte da sua redacção.

Coragem e longa vida.

O nosso collega de redacção, Samuel Martins, acaba de publicar um folheto de poesias a que denominou—*Amuletos*.

Abstemo-nos de emitir juizo sobre a nova producção do joven e esperançoso poeta, por nos considerarmos suspeitos.

O Anti-Christo. E' este o titulo escolhido por Gomes Leal para a sua epopeia da humanidade, cuja primeira parte acaba de ser publicada em Lisboa.

O Anti-Christo é o symbolo amaldiçoado da lenda sacerdotal, para representar a escalada do homem emancipado pela sciencia á cidadella do Sobrenatural.

transporte do bagaço para o campo. A tia Luiza, como chamavam-n'a, tinha seguramente os seus cincoenta annos de idade e captiveiro.

Quando rapariga, diziam, tinha sido uma creoula bonita, audaz, sacudida, na phrase dos seus admiradores. Por causa naturalmente d'essa audaz belleza tivera dois filhos, um dos quaes falleceu ainda creança. Ficara com uma filha, mulatinha dengosa, faceira, engraçada. Maria, tal era o seu nome, fôra criada em casa dos *senhores*, e por isso as más linguas começaram logo a proclamar a filha do José Francisco, o irmão do senhor do engenho, homera sisudo, grave, circumspecto, que nunca desceu a tratar com escravos. Na epoca em que nos achamos a Maria tem no maximo vinte e tres annos. E' uma mulata feiticieira, de collo erguido e provocador, cabellos estirados e abundantes. Na senzala ella só é a rainha.

Os negros todos estimam-n'a sinceramente, e um até, quando a vê, sente-se feliz em seu captiveiro. Quem, porém, a cubica é o feitor, esse seria capaz de tudo para possuil-a. Para Maria tinha elle sempre um sorriso e um gracejo nos labios, e para os outros escravos a sua coiera e o seu desprezo.

Esta sympathia porém transformou-se mais tarde n'um sentimento de odio intraduzivel, n'uma crueldade enorme para com a rapariga.

A causa era simples.

Ao anoitecer, quando todos no engenho se achavam entregues ao trabalho, Maria tinha por costume dar um ligeiro passeio até a cabana da tia Luiza, que ficava dis-

A parte publicada, *Christo e o mal*, pertence quasi inteiramente á tragedia divina, isto é, á dramatisação da demolição do dogmatismo no cerebro do Anti-Christo, comprehendendo o prologo, a primeira parte, a segunda heresia ou *A morte da Igreja* e a terceira heresia ou *A morte do padre Eterno*.

Entre a primeira e a segunda heresia inclue, porem, o autor o prologo da tragedia humana, *O Navio cholérico* e o primeiro acto, *Idyllo na cira*.

A epopéa da humanidade é precedida por uma invocação á sciencia, sob o titulo de *Morte de Deus e do Diabo*, em tercetos alexandrinos e de uma longa *Carta ao Padre Santo*, em estrophes de seis versos tambem alexandrinos, na qual o poeta pede para o seu poema a *excommunhão*.

Dizem as folhas litterarias de Portugal que o *Anti-Christo* está fazendo sensação, e a *Revista de Estudos Livres* insere, no seu ultimo numero, uma bella apreciação de Teixeira Bastos sobre o poema.

Infelizmente os liveiros cá da terra não sabem ainda que ha um novo livro do poeta da *Traição*.

Recebemos e agradecemos o n.º 4 do *Equador*, a *Revista Academica*, o n.º 9 do *Scis de Outubro*, o 2.º numero da *Revistiuka*, o *Reverbero* e *Telephone*, de Theresina, o *Mensageiro*, do Maranhão, o *Cosmo-*

tante da *casa grande*. O feitor a encontrara muitas vezes em caminho e sabia onde ella ia. Uma noite elle decidiu-se acompanhá-la. A escrava, quando o viu, teve medo e quiz voltar. Era tarde. Elle a tinha preza entre os seus braços herculeos. Na extensa campina do engenho tudo era deserto e favoravel aos desejos do seductor.

A sua physionomia estava radiante, os seus olhos brilhavam de alegria, e os seus labios grossos e vermelhos tremiam de sensualidade. Maria diligenciou fugir, a força do homem reteve-a. Bradou por soccorro, e a sua voz não achou echo que respondesse.

Travou-se então uma luta horrivel entre a escrava e o seu perseguidor, e o resultado não era difficil de prever. Em desespero, sem pensar no que fazia, inconscientemente, ella deu uma bofetada no seu inimigo, podendo então fugir pelos mattos, como uma louca, n'uma carreira vertiginosa, assustadora, sem fim.

Passou-se um dia, depois outro, sem que o feitor desse a conhecer os seus projectos de vingança.

Quando por accaso via a escrava dirigia-lhe um olhar de panthera enraivecida e faminta.

No engenho todos temiam a sua colera e respeitavam-n'o. Raro era vel-o de semblante risonho, prazenteiro; quasi sempre estava sombrio, de mau humor.

Ignorante e avesso aos bons sentimentos, incapaz de praticar uma acção nobre, egoista e vingativo, quem pela primeira vez o visse sentiria por elle antipathia, senão aversão.

polita, do Pará, o *Sculo XIX*, de S. Paulo.

Temos presente ainda o *Piratiny*, interessante e bem escripta folha que se publica em Santos.

Theatros

O Santo Antonio deu-nos antehontem a ultima *reprise* da chistosa e attrahente opereta do Sr. Xisto Bahia—*A Filha do Capitão-Mór*.

O desempenho correu satisfactoriamente por parte de todos os artistas, sobre-sahindo, entretanto o chistoso Xisto, no seu papel de Capitão, o Sr. Coimbra, no do valentão Almotacel, e o impagavel Lyra, no de sachristão amante de Florentina, a espirituosa filha do Capitão-Mór.

Em sua maior parte, a musica, extrahida da conhecida opereta *D. Juanita*, é delectavel, e foi pelo intelligente Bahia bem adaptada a sua composição.

Os córos estiveram regulares; o que notamos, apenas, foi que o Sr. Xisto não teve escrupulos quando arregimentou como cadetes, algumas *cadetas* desdentadas, cá da terra. A escolha poderia ter sido melhor.

O *Santa Isabel* continua fechado, aguardandô a chegada do Sr. Braga Junior com a sua *troupe* dramatica, de que fazem parte os recommenda-

O seu desejo de vingar-se da escrava Maria, fez com que elle intentasse incutir no espirito do *senhor* a ideia de vendel-a para longe.

Elle bem sabia quanto a tia Luiza estimava a filha. Tanto melhor. Era uma vingança soberba esta e que o enchia de contentamento intimo. Mas, havia uma difficuldade. A negra tinha sido creada em casa dos *senhores* e sua *siuhô-moça* queria-lhe muito bem, muito mesmo.

Um facto, porém, veio favorecer extraordinariamente o plano do infame persiguidor da pobre escrava. Da gaveta d'uma meza onde o *senhor* do engenho costumava guardar algum dinheiro, tinha desaparecido a miseravel quantia de dois mil réis. Houve na casa um silencio terrivel, prenuncio de tempestade. Ninguem suspeitava quem tinha sido o auctor do furto. Erigiu-se um tribunal presidido pelo *senhor* e procederam-se as indagações. Os escravos foram interrogados, cada um de per si, sem que o menor vislumbre de desconfiança recalisasse sobre nenhum. Quando chegou a vez de Maria, o feitor levantou-se como um cão hydrophico, assanhado. Ouvio-se um sussurro seguido de alguns protestos mal articulados. Maria era calumniada vilmente pelo seu inimigo e indigitada como autora d'um crime de que estava innocente. O feitor a accusara vehementemente, comprometendo-se á apresentar provas bastantes, se duvidassem de sua palavra.

Perante semelhante accusação, cumpria não ficar indifferente.

Maria devia ser severamente castigada para exemplo dos outros escravos. A es-

dos artistas Furtado e Lucinda Coêlho.

Tanto na Europa, como na côrte do Imperio, d'onde os esperamos, têm sido entusiasticamente festejados e merecidamente se lhes tem dado as palmas de que são merecedores,

Em toda a parte que chegam, a imprensa grande rende-lhes a sua homenagem, e as galherias desfazem-se em palmas, deslumbradas pela luz do talento que lhes doura as fronteiras.

Esperamos anciosos a chegada dos illustres artistas para, por nossa vez, admirar-lhes a grandeza de seus vultos que actualmente occupam o logar mais alto, entre os mais altos representantes da arte dramatica brasileira.

O de *Variedades* é o que menos varia.

Actualmente dorme á somno solto.

Aviso

A *Tribuna Academica* assigna-se á razão de 500 rs. por mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Praça do Conde d'Eu, 32, 2.º andar.

As nossas columnas são francas aos nossos collegas mediante a condicção de assignaturas.

cravidão tem tambem o seu codigo especial. A pena tem ali a sua escala: tronco, açoites, gargalheira. O tribunal é um e inflexivel: condemna sem appellação.

O juiz é o *senhor*. O accusador—o feitor. Réo—o escravo. O condemnado tem de cumprir a pena, ou atirar o pescoço ao primeiro laço que encontrar. A fuga é uma circumstancia aggravante do crime.

Horas depois o azorrague trabalhava sem piedade, e d'esta vez tangido por mão vigorosa. A escrava bradava por soccorro e ninguem se atrevia á protegê-la. Só sua pobre mãe, debulhada em prantos e de joelhos aos pés do algoz, implorava debalde compaixão em nome do Deus que adorava e aquem ella pedia a Deus, como a recompensa d'uma vida cheia de opprobrios e amarguras cruciantes.

Mas, o odio do feitor ainda não estava saciado.

Não eram passados cinco dias, quando a escriptura foi lavrada e Maria vendida para S. Paulo a um rico fazendeiro da provincia. Sua infeliz mãe, inconsolavel, rojando-se pelo chão, supplicava que não a separassem da filhinha, sua unica felicidade no captiveiro. As lagrimas não commoveram aquelles corações empedernidos e torpes. Maria foi sempre vendida. Estava satisfeita a vingança do miseravel feitor.

Dias depois uma cóva se abria para receber o cadaver da tia Luiza.

MARIANNO DE MEDEIROS.